

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

CFCH / ECO/ Artes Cênicas – Direção Teatral

Projeto Experimental de Teatro

Lauro Góes

2014/02



Memorial “Doce Deleite”

Adriana Tausz Bastos Valbon

DRE: 108.086.564

Deleitar-se:

v.t.d. e v.i. Ocasionar prazer em; deliciar-se:

“ o show deleitava o público, deleita apreciar um obra de arte”

v. pron. Possuir uma sensação de contentamento; satisfazer-se:

“deleitou-se com o filme”

(Etm. Do Latim: delectare)

“O vocábulo grego **Théatron** (θέατρον) estabelece o lugar físico do espectador, "lugar onde se vai para ver" e onde, simultaneamente, acontece o drama como seu complemento visto, real e imaginário. Assim, o representado no palco é imaginado de outras formas pela platéia. Toda reflexão que tenha o drama como objeto precisa se apoiar numa tríade teatral: quem vê, o que se vê, e o imaginado. O teatro é um fenômeno que existe nos espaços do presente e do imaginário, nos tempos individuais e coletivos que se formam neste espaço" ("O Espetáculo do Melodrama").

Reflexões iniciais:

A minha encenação de *Doce Deleite* é uma celebração do ator. A peça passeia por várias formas de humor, desde o teatro do absurdo até o teatro de revista, passando pela ópera. Diz Alcione Araújo “O espetáculo é um deleite para quem gosta de ver o ator representar”.

Por ser uma peça que trata bruta e puramente de teatro, sua localização é o próprio teatro – tomando por teatro não simplesmente o palco com atores e platéia, mas sim o teatro como um todo, da porta onde temos uma bilheteira folgada, passando pelo contrarregra nos bastidores, os atores no camarim, o dono da casa que percorre todos esses ambientes, até chegar propriamente no palco.

Partindo do estudo do “Espaço Vazio” de Peter Brook, pretendo manter o palco quase nu. Neste haverá apenas elementos suficientes para localizar o espectador. Quanto menos, melhor. Brook nos diz:

“Um dos aspectos inerentes a um espaço vazio é a inevitável ausência de cenário. Isto não o torna melhor que os outros, pois não estou julgando nada, apenas constatando o óbvio: num espaço vazio não pode haver cenário. Se houver, o espaço não estará vazio, haverá objetos ocupando a mente do espectador. Como a área vazia não conta uma história, a imaginação, a atenção e os processos mentais de cada espectador ficam livres e desimpedidos. (...) Se nos limitarmos a colocar duas pessoas lado a lado num espaço vazio, a atenção dos espectadores se estenderá aos menores detalhes.”
(BROOK, 2005, Pg.: 11)

Abordando a plasticidade da encenação, para trazer ao público a idéia de estar dentro do teatro e buscando a mesma intimidade de qualquer um dos participantes dessa área, usarei o formato de palco em arena suspensa, onde a

platéia tem uma visão 360° da cena acima do nível em que ela estará, mantendo, portanto a ilusão e ao mesmo tempo abrindo as portas dos bastidores.

A peça mostra os bastidores do teatro e o trabalho dos atores. Questiona-se se a alma do teatro pode ter se perdido no mundo capitalista, onde muitas funções, como a principal forma de entretenimento ou de passagem de aprendizado, foram se perdendo pela falta de dinheiro e apoio. Partindo desse mote, permeado com o estudo de Peter Brook, pretendo trazer um cenário simples, baseado na cor preta, com cubos pretos, enfatizando assim a versatilidade do ator. Em contra ponto, trarei elementos cênicos e figurinos beirando o escândalo, utilizando cores fortes e diferentes, para caracterizar cada cena e cada personagem.

Há anos a crise do teatro é discutida. Faz-se necessária uma reflexão sobre o que temos no mercado atual, no cinema, na televisão e na internet. Em um mundo onde tudo se torna obsoleto com o avanço exponencial da tecnologia, porque fazer teatro? O que queremos a partir do momento em que entramos em uma faculdade de Direção Teatral, nos dias atuais? Qual é a necessidade do teatro em um mundo digital?

O texto *Doce Deleite*, de uma forma super bem humorada, trata destas questões e mais algumas. Guardadas as devidas proporções e feitas as devidas atualizações, o texto coloca em cheque as discussões sobre a crise do teatro tão necessárias à cena brasileira atual.

Sem pretensões de responder todas as questões presentes hoje no meio teatral, mas sim, mais uma vez trazer à tona todas elas, pretendo encenar *Doce Deleite*. Dando assim, a oportunidade ao público de se questionar a esse respeito e, talvez chegar a alguma conclusão mais objetiva.

Diário de bordo:

Agosto:

01. Leitura e estudo do texto

04. Leitura e estudo do texto

08. Leitura e estudo do texto

11. Cancelado

15 Cancelado

18. Discussão de espaço (Vianinha)

22. Conversa com Clarissa

25. Cancelado

29. Ensaio somente com o Wagner. Trabalho específico da primeira cena (O contra-regra). Trabalhamos o texto, cortando-o e iniciando um polimento de intenções e nuances. Algumas questões com relação às intenções surgiram, por exemplo:

“Quem é esse personagem?”

“De onde ele veio?”

“Ele é engraçado por causa da sua tristeza e frustração ou simplesmente por que ele é uma pessoa divertida?”

Setembro:

09. Fizemos uma leitura de cada cena do texto, parando-as e discutindo o porquê da fala do personagem e algumas de suas características

10. Continuamos o trabalho do ensaio anterior

14. Fizemos alguns exercícios de aquecimento baseados na ioga e questionei os atores sobre o super-objetivo de cada um de seus personagens. Após, mantendo as características e os objetivos de cada personagem em mente, pedi para que eles fizessem uma entrevista improvisada com cada um deles. Na qual, eu fazia perguntas genéricas para a personagem e eles responderiam como cada um de seus personagens responderia.

Solicitei que eles estudassem cada personagem e fizessem o prelúdio dele para o próximo ensaio.

17. Fizemos um aquecimento rápido baseado na ioga e exercícios de movimentação de articulações. Então, fizemos a leitura em pé da cena “Godelívia e Espectador” e pensamos sobre o que estava no subtexto dessa cena. Quais intenções poderiam dar um colorido maior à cena.

20. Fizemos aquecimento e continuamos o trabalho do ensaio anterior seguindo por todas as cenas em dupla.

23. Após exercícios de aquecimento baseados em alongamento e ioga, começamos a ensaiar criando e testando as marcações iniciais.

24. Fizemos alguns exercícios de voz e respiração, após algumas provas de figurino para aprovação.

26. Após alguns exercícios de aquecimento, respiração e concentração, continuamos com o trabalho de marcação das cenas. O preparador corporal, Fábio, compareceu ao ensaio e iniciou o trabalho com exercícios de consciência corporal e apoios.

30. Fizemos um longo aquecimento com exercícios de ioga e de consciência corporal e espacial e iniciamos o ensaio com revisão das marcações da primeira parte, onde surgiram algumas questões de motivação das personagens.

Outubro:

02. Como o ator chegou atrasado, fizemos um aquecimento curto e continuamos o trabalho de revisão das marcações

03. Fizemos um bom aquecimento baseado na ioga e continuamos o trabalho de revisão de marcação e intenção dos personagens.

07. Aquecimento baseado na ioga e conseguimos pela primeira vez passar a peça toda, evitando a desconcentração. Pedi aos atores que estudassem o texto baseados nas intenções discutidas e o momento de cada personagem, afinando assim, as marcações sugeridas. Decidi cortar a Espectadora.

08. Definimos 90% dos figurinos.

10. O preparador corporal, Fábio, compareceu ao ensaio e fez o aquecimento com os atores baseado em consciência corporal, alongamento, potencialização de sentidos e troca de intenções. Então, começamos a trabalhar novamente as cenas.

14. Fizemos um aquecimento baseado em exercícios de ioga, exercícios de equilíbrio e força. Além de alguns jogos de confiança e atenção. Então, passamos algumas das cenas limpando detalhes de intenção e tons das personagens.

15. Como meu ator não pôde comparecer ao ensaio, fiz um ensaio de mesa com a atriz. Passamos cena por cena, discutindo a entonação e a intenção de cada personagem em casa parte das cenas.

17. O Wagner desistiu do espetáculo. Portanto, não ensaiamos. Passamos o tempo de ensaio buscando outro ator. Conseguimos e marcamos ensaio para o dia 19.

19. Conhecemos o novo ator, Leonardo, conversamos sobre a peça e lemos o texto. Sensação de leveza e alívio tomaram o ensaio.

20. Fizemos um breve aquecimento, baseado na ioga e exercício de alongamento e começamos a passar as marcações definidas para o novo ator. Finalmente, estou conseguindo dirigir o ator e sentir que fui compreendida. Apesar de estar começando do “zero”, sinto que podemos fazer um bom trabalho. Terei que ser o mais objetiva e clara possível para não perder nem um segundo de ensaio. Ensaiaremos cinco vezes por semana até a estréia.

22. Fizemos o mesmo aquecimento do ensaio passado. Passamos a peça toda. Focamos na cena do contra regra e limpamos a cena com intenções da personagem.

Novembro:

Como todos ficaram sabendo, houveram alguns empecilhos com o novo ator e portanto, foi necessário, na última semana de ensaios, retirá-lo do processo.

Com o apoio do professor José Henrique, ficou decidido que precisaríamos de outra pessoa para interpretar os papéis masculinos. Decidi que colocaria minha produtora, Rachel Mourão, para participar do processo. Operando um milagre, ela decorou todos os papéis e fizemos adaptações necessárias, tais como transformar alguns papéis masculinos em femininos, além de alguns cortes.

Reflexões finais:

Como foi dito na minha avaliação, acredito que o maior ensinamento que obtive nesse processo foi o da paciência, nos sentidos mais amplos. Na generosidade com as pessoas que não tem os mesmos conhecimentos que eu até a calma de acreditar que as coisas tem o seu tempo e conseguir não entrar em pânico para resolver um problema de cada vez.

Descobri o que a força da união é capaz. O espetáculo pode não ter estreado tecnicamente perfeito, mas acredito que sem o apoio da minha equipe, o espetáculo não teria sido nem estreado.

Portanto, só tenho a agradecer por todo o conhecimento adquirido como o processo.

“Nesse processo nós sentimos na pele todas as dificuldades de fazer teatro. Tivemos que ir muito além da entrega, da falta de orçamento, da dificuldade de achar lugares para ensaiar. Fazer essa peça não foi só decorar texto, definir figurino, cenário, marcação e subir no palco. A gente teve que sentir, viver e respirar arte. Vimos que teatro é feito por pessoas, e nem todas as pessoas são humanos, que quando você acha que está tudo resolvido de repente aparece um elefante branco no meio do caminho. Mas nos contornamos o elefante, fizemos dele nosso aliado e o transformamos em risadas, a verdade é que a vontade de realizar esse projeto sempre foi maior. Artista é o caralho. Nós somos guerreiras, sabemos que união faz a força. Aprendi muito com vocês, sobre teatro, sobre eu mesma, sobre meu corpo. Enfrentei meus medos, me entreguei ao máximo, dividi o meu tão valioso espaço. Pessoas incríveis que apareceram na minha vida, sou grata por ter te conhecido e saibam que vocês me fizeram crescer, me fizeram viver numa intensidade exaustiva, porém deliciosa, e despertaram em mim a escolha de nunca mais me afastar de um teatro. Agradeço a todos que foram ver a nossa peça, que pra mim não foi só um doce deleite, mas acontecimento de um milagre

Evoé”

Juliana Trevisan

“Exausta, porém realizada. Deu tudo certo! Todos os espíritos do teatro estavam lá conosco. Mais uma batalha vencida. Só tenho agradecimentos a fazer: Juliana Trevisan, Rachel Mourão, Hera G Telles, Mari Pantaleão, Fábio Costa. Minha maravilhosa equipe. Sem vocês essa batalha estaria perdida e eu estaria derrotada depois de tanta luta. Muito obrigada pelo carinho, apoio e paciência. Amo vocês! Vamos time!”

Adriana Tausz